



Sociedade, corpo e relação subjetiva

Carme Regina Schons†

Universidade de Passo Fundo, BR 285, 99052-900, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, Brasil. †In memoriam. E-mail: crschons@gmail.com

RESUMO. Neste trabalho, trataremos das contribuições da Análise do Discurso aos desafios metodológicos para as práticas de leitura numa dimensão histórico-social, considerando que as práticas sociais resultam, também, de construções imaginárias. Para pensar o lugar das práticas numa dimensão discursiva, entendemos a necessidade de considerar a relação língua e história, ou seja, conceber a língua e o seu funcionamento permanentemente atravessado pela opacidade, pelo político, considerando a incompletude, o caráter fugidio da linguagem. Apresentaremos, para tanto, uma análise, em que a plasticidade pela fluidez do que circula no ciberespaço produz a ilusão de liberdade e, por consequência, maior movimentação do sujeito em seu dizer, mas também uma forma da relação subjetiva com o corpo na sociedade atual e como essa relação é canalizada pela tendência de fazer do corpo um espetáculo. Nesse sentido, a linguagem do corpo também é atravessada pela ideologia, pelo jogo de forças, que permite desdobramentos de discursos-imagens, constitui memórias e produz silenciamentos de determinadas práticas.

Palavras-chave: corpo, discurso, sociedade, subjetividade.

Society, body and subjective relationship

ABSTRACT. The contributions of Discourse Analysis towards the methodological challenges for reading practices within a historical and social dimension are investigated. In fact, social practices are also a result of imaginary constructions. The relationship between history and language should be taken into account so that the place of practices could be considered in a discursive dimension. In other words, language and its permanent functioning should be expressed by opacity and by the political stance within the incompleteness and evasive character of language. An analysis will be provided in which plasticity, as a result of the fluidity that circulates in the cyberspace, produces the illusion of freedom and consequently a greater movement of the subjects in their discourse. A form of the subjective relationship with the body in current society will be given and how this relationship is dealt with by the trend in making a spectacle of the body. In this sense, the language of the body is foregrounded on ideology, by a play of forces, producing the unfolding of an image-discourse, constituting memories and silencing certain practices.

Keywords: body, discourse, society, subjectivity.

Breves notas introdutórias sobre o tema

Não é por acaso que o estudo do corpo integra as diferentes materialidades discursivas na Análise de Discurso. Na sua forma de organização, de constituição e de funcionamento, o corpo representa um modo de olhar ‘sobre’ e ‘do’ sujeito. Como materialidade significativa (FERREIRA, 2013), o seu funcionamento é permanentemente atravessado pela opacidade, pelo político. O corpo como existência de carne, de vida é como a palavra: produz memória. “‘O controle da sociedade’ sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, ‘mas começa pelo corpo, com o corpo’” (FOUCAULT, [1979] 1999, p. 80, grifo nosso).

Embora muitas vezes reduzido ao seu sentido biológico, o corpo é lugar de desejo, de afeto e da pulsão; é espaço de nomeação, manifestação

individual/social e de luta nas redes sociais¹. O corpo representa, ainda, o espaço de saturação, pois, contraditoriamente, temos observado que, nos compartilhamentos (os chamados *floods*), várias redes ficam inundadas pelo excesso do mesmo conteúdo. Marcações repetidas das mesmas ‘fotos, posts e diário a bordo’, no *Facebook*, por exemplo, expõem um sujeito idealizado.

Ferreira (2013, p. 99) salienta que, para pensar na arquitetura do corpo, “[...] é preciso pensar também no espaço e no tempo onde esse corpo se manifesta, atua, se movimenta, se corporifica, ganha

¹ Este texto deve-se a uma versão embrionária apresentada no V SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, em 2011, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), ocasião em que coordenamos, juntamente com Onice Maria Payer, o Simpósio X “O corpo sob a ótica discursiva: uma nova forma de olhar” e desenvolvemos o texto “Corpo, imagem, língua(gem): força e desdobramentos de memória, silenciamentos e subjetivação”.

corporeidade”. A partir da afirmação da autora, para nós, a corporeidade pode ser entendida como aquilo que distingue o sujeito, ou seja, enquanto materialidade histórica, o corpo exerce um jogo de força simbólica e, mesmo ‘mudo e opaco’², é passível de interpretações. O modo de aparição de um corpo sempre retorna a algo anterior: retomadas de outras imagens, de outras enunciações, quer dizer, entrecruzam-se aí acontecimento e memória discursiva.

A plasticidade e fluidez do que circula no ciberespaço produz a ilusão de liberdade e, por consequência, maior movimentação do sujeito em seu dizer. De acordo com Debord (2000, p. 24) “[...] a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de outro que os representa por ele”. É assim que se pode dizer que a linguagem do corpo também é manifestação de ideologia. Disso se pode afirmar que o seu atravessamento pelo jogo de forças permite desdobramentos de discursos-imagens, constituindo memórias e produzindo silenciamentos.

Citamos, então, Mittmann e Schons (2010, s.p)³, que, ao analisarem a circulação de imagens de mulheres de movimentos sociais no ciberespaço, afirmam que “[...] a circulação de fotos leva mulheres destituídas de espaços na mídia a conquistarem um lugar de visibilidade”. Segundo as autoras, pelo corpo, os sujeitos captam o movimento da câmera e são captados por ela. A materialidade analisada, na comunicação apresentada na ENANPOLL (2010) desencadeou a discussão sobre os efeitos não somente do uso do corpo em geral, mas também do uso de partes dele, que, ao circularem na rede de computadores, parecem (re)produzir e traduzir o sentido de totalidade. Olhos e boca funcionam na/sob forma de contradição constitutiva. Para Mittmann e Schons (2010, resumo da Enanpoll), há deslizamentos nos sentidos construídos

[...] entre o individual do olhar para a câmera e o coletivo da luta; entre o que a imagem furta e o que ausência da palavra impõe; entre os efeitos produzidos pelos bens simbólicos e os processos de interiorização de constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo; entre o estacionamento da imagem e o movimento na/da história.

A partir de estudos como este e do pressuposto de que as imagens movimentam uma multidão de

sentidos, os ‘enunciados’ feitos/construídos pelo trabalho de memória, em que podemos observar associações (inconscientes ou indiretas) de dois mundos – de um lado, o visível e, de outro, o invisível –, elas (as imagens) servem de suporte para aquilo que Gadet e Pêcheux (2004, p. 64-65) definem como processo metafórico, “[...] em que o sentido passa a se produzir no interior do não-sentido [...]”, já que estão a desconstruir a lógica do sujeito do espetáculo construído pela mídia.

No nosso ponto de vista, tais (des)construções da lógica do sujeito são decorrentes do trabalho de interpretação. O sujeito, na função-leitor, é afetado pela projeção imaginária que ele faz de si, do ‘outro’ e do ‘lugar social’ em que está inscrito. Na leitura de uma imagem, por exemplo, diante da dispersão do ‘já-dito’ por outras imagens, o funcionamento da memória está aí a produzir sentidos. Assim, enquanto sujeito histórico, o papel do sujeito-leitor é participar do processo de produção de sentidos, uma vez que, no trabalho de leitura, busca entender sentidos possíveis por meio de gestos de interpretação.

Concebemos o trabalho de leitura de imagens como uma materialidade de interpretação, dentre outras possíveis. Assim como as palavras e as expressões, as imagens se revestem de sentidos e são determinadas pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no interior de uma formação discursiva (FD). Desse modo, para proceder a uma análise midiática, em âmbito discursivo, é preciso compreender “[...] as delicadas tiranias da mobilidade, os discretos poderes da abundância [...]” (COURTINE, 2003, p. 33) trazidos por uma imagem.

A mobilidade e abundância da imagem, tal como é definido por Courtine (2003) são, para nós, da ordem do ‘intervalar’, uma vez que constituem materialidade da ordem do simbólico e do ideológico, pois o ato de projetar uma imagem lembra/rememora outras imagens. É no intervalo existente entre a imagem produzida e essas outras imagens que sentidos vão se sustentando.

O corpo como suporte do público e do privado

No sentido de explorar a percepção do corpo, tomamos como ponto de partida uma formulação de Souza (1998) que, em seus estudos sobre imagem, afirma:

[...] uma imagem não produz o visível; torna-se visível através do trabalho de interpretação e ao ‘efeito de sentido que se institui entre a imagem e o olhar’. [...] O trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor

² Para Pêcheux (1999, p. 55, grifo nosso), a imagem é atravessada e constituída por discursos, mas é “[...] opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições)”.

³ Trata-se de resumo apresentado no <<http://www.anpoll.org.br/eventos/enanpoll2010>>

também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos (SOUZA, 1998, p. 9, grifo nosso).

A respeito desse trabalho de interpretar a imagem, vale apontar a incompletude como constitutiva da visibilidade. Quando se recorta, pelo olhar, uma imagem, como no caso das que apresentamos a seguir, deve-se levar em conta o seu funcionamento como materialidade do discurso e é isso que queremos mostrar neste texto. É, pois, pela análise do funcionamento discursivo, que se podem explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação, estabelecendo como central a relação entre o simbólico e o político.

Em um primeiro movimento de análise dos textos-imagens (Figuras 1 e 2), tomemos a burca (véu negro) sobre o corpo como ponto de estabilização de processos discursivos, sinalizando que a referência, instituída no próprio gesto de interpretação, sobre o corpo pode funcionar como denúncia do 'objeto imaginário' (a saber, do ponto de vista do fotógrafo). Nessa representação, a veste age sobre o corpo fabricado (Estátua da Liberdade) e sobre o corpo em movimento, parecendo desenhar-se não só a constituição da identidade do 'monge' (das mulheres muçulmanas e de Jackson), como também a sua diabolização ou beatificação. Como é possível observar, as imagens jamais descrevem/traduzem o visível de 'uma realidade física', porque dela são, de acordo com Pêcheux (1990), instituídas por 'formações imaginárias' e, dessa forma, os deslizamentos de sentido operados nos gestos de interpretação são inevitáveis. A veste, ao mesmo tempo em que cobre os corpos, paradoxalmente, aponta para a coletividade/individualidade de sujeitos representados nesses corpos, ou seja, nesse caso, o hábito parece fazer e desfazer o monge. Resta dizer que

[...] a vestimenta se apresenta assim não somente como uma sobrepele contendo o envelope individual corporal e psíquico, ela é também a 'pele social', uma pele emblema, um signo de distinção para os de fora do grupo e uma marca de pertencimento a um conjunto (ORLANDI, 2012, p. 19, grifo da autora).

Diante das condições de produção desses discursos constituídos pelos textos-imagens 1 e 2 e

[...] levando em conta que não é o sujeito que se apropria da linguagem, num movimento individual, mas que há uma forma social de apropriação de linguagem em que se reflete a ilusão do sujeito, ou seja, sua interpelação pela ideologia [...] (GRANTHAM, 2011, p. 165).



Figura 1. Estátua da Praça da República, em Paris, com véu islâmico, durante um protesto da associação 'Nem putas, nem submissas' (AFP, 2010).



Figure 2. Michael Jackson, com vestes típicas de mulheres islâmicas (MICHAEL JACKSON, 2011).

Pode-se sublinhar que o vulto negro e sem rosto pode funcionar como uma espécie de 'sacralização do profano'. A interdição da Igreja sobre o Estado (na Figura 1) e deste sobre o sujeito (na Figura 2). Em relação ao texto-imagem 1, vale dizer, que enquanto a França buscava a aprovação de uma lei proibindo o uso da burca em lugares públicos, mulheres islâmicas, que viviam naquele mesmo país, protestavam por entender a medida do governo como uma 'islâfobia', ou seja, uma tentativa de negação da religião islâmica, uma vez que, para algumas muçulmanas, o véu simboliza a obediência a Deus, obediência a um mandamento religioso.

Por sua vez, organizações de defesa dos direitos humanos têm criticado o país francês, que justificou a criação da lei por ser um estado laico. O curioso é que, justamente para celebrar o Dia Internacional da Mulher, integrantes do movimento popular⁴ chamado “Nem putas, nem submissas” desfilaram com cartazes dizendo: ‘Nem véu, nem burca’, ‘serviço público = aborto e contracepção’ e cobriram a estátua da República francesa em sinal de protesto. A manifestação da organização feminista pedia mais rapidez na votação da lei de proibição do véu islâmico em locais públicos, sob o pretexto da defesa dos direitos de liberdade e de dignidade das mulheres.

Vê-se, então, no uso do véu negro, a recusa da exibição do corpo-liberdade (representado pela estátua) que controla as pulsões do sentimento democrático. O preço pago pela democracia dá sentido histórico aos costumes de uma civilização, mas também dá certo “[...] brilho de espetáculo político [...]: os homens, os cenários, os olhares mudaram [...]” (COURTINE, 2003, p. 32); trata-se de um processo de repetição de outra ordem, distinta, pois, mesmo estando diante da Estátua da Liberdade, em nome da contestação e da negação, o corpo recebe uma vestimenta, a mesma veste que condena e que oprime a mulher.

Quanto ao texto-imagem 2, em que o corpo de Michael Jackson aparece encoberto, no uso da burca, existe algo que denomina mais uma das bizarrices do cantor, entre outras, durante suas aparições em público⁵. Assim como qualquer imagem tomada como discurso, uma fotografia está necessariamente vinculada ao contexto sócio-histórico e às condições de produção do autor (fotógrafo), que, ao recortar uma imagem, o faz por meio de gestos de interpretação, produzindo e/ou rompendo silêncios, porque mesmo se tratando de descrição e de interpretação de imagens, há uma historicidade de sentidos, levando-se em conta, aí também, o processo de leitura da imagem por parte do sujeito leitor. Ocorre que, curiosamente, a ressignificação convoca outras imagens e sentidos que apontam para a diferença e divergência no modo de conceber o público e o privado e sobre as formas de exibição do corpo.

⁴ Criado em 2003, após o assassinato de uma jovem queimada viva - em uma cidade popular da periferia de Paris, porque queria viver como todas as jovens dos países ocidentais -, o movimento popular chamado “Ni Putes Ni Soumises” protesta contra a vivência sob a influência das leis religiosas islâmicas, alegando que as mulheres, jovens ou não, casadas ou não, vivem reclusas, são menosprezadas, vigiadas e assassinadas se não se submetem às leis do gueto.

⁵ Conforme o site *Daily Mail*, o cantor foi fotografado com um véu negro enrolado em volta da cabeça, óculos escuros e uma máscara escondendo o rosto em uma loja de Hollywood. Trata-se de uma das primeiras aparições do astro em Los Angeles, após seu retorno para os Estados Unidos. O cantor acabara de se mudar, com os três filhos, para uma mansão em Los Angeles, cujo aluguel mensal era de US\$ 100. Michael Jackson | 09/01/2009 13:34 | Atualizado em: 09/01/2009 13:47.

Exibir ou encobrir o corpo em público pode ser lido/entendido como um ato doentio, vinculado ao fetiche. No caso do astro (texto-imagem 2), há outros discursos que ressoam: o abuso na infância, a homossexualidade, a vergonha de ser negro, o retorno à figura feminina. Outro efeito de sentido presente, nessa materialidade, poderia ser o desejo de não ser identificado, ou seja, “[...] o silêncio é um componente fundamental da eloquência [...]” (COURTINE; HAROCHE, 2001, p. IV) do corpo. Estabelece-se um jogo entre “[...] uma memória social já existente [...] e a referência à produção de uma nova memória [...]”, ou seja, “[...] a imagem contemporânea funciona como operadora de memória [...]” (DAVALLON, 1999, p. 24).

Para Davallon (1999, p. 27), “[...] a imagem representa a realidade, certamente; mas ela pode também conservar a força das relações sociais (e fará então impressão sobre o espectador)”. No revigorar e intensificar o menos representável, o menos memorizável, uma imagem ativa também a produção de significação. Assim, a interpretação da imagem encontra-se ligada ao funcionamento da memória, uma vez que abre espaço para o ‘legível’, para o ‘dizível’, bem como para o que está fora dela e pode movimentar diferentes posições, tanto no público quanto no privado, já que não há estabilidade dos sentidos.

Essa relação entre o público e o privado e a exibição à flor da pele dos sentimentos do sujeito são o que Courtine (2003, p. 29) chama de “[...] gestos de eloquência política explicados, em grande parte, por uma mutação do olhar provocada pelas tecnologias de comunicação audiovisual”.

O efeito de pré-construído de uma imagem, portanto, configura-se pela série de imagens exteriores a ela própria, porém não em relação a toda e qualquer outra imagem. Dessa forma, pode-se aferir que, na leitura dessas duas imagens e no modo de conceber o uso da burca, as instituições religiosas são responsáveis pelo modo como as pessoas adentram o mundo do sagrado.

É, no espaço e no tempo dessas instituições, com cultos, pastores e sacerdotes, com indivíduos legitimados pela instituição, que os fiéis vivenciam o sagrado. No texto-imagem 1, a sacralização do profano manifesta-se de modo mais vigoroso porque, encarnado nas instituições Estado/Igreja, assume o aspecto de contraposição, da divergência entre ambas, o clericalismo e a laicidade, a religião e a ideologia. No texto-imagem 2, o contraste entre divino ou demoníaco e humano, entre puro e impuro, assenta-se na ideologia capitalista, ou seja, perder a mansão levou o astro a mudar de religião e, conseqüentemente, ‘converter-se’ ao islamismo.

Há outro sentido que desliza em relação ao uso da burca. Se é uma vestimenta adotada pelas mulheres, por que estaria sendo vestida pelo astro?

Parece-nos tratar-se de imagens que colocam um contraponto entre o não dizer forçado e o não dizer 'voluntário', a posições subjetivas e que aumentam a atenção do espectador; relação contraditória entre o (não) aceitar aquilo que as imagens aludem e o que o mercado impõe e o corpo sustenta (suporta) formas de interpretação. No uso do corpo, maneira pela qual se marcam as incursões do sujeito, (re)colhem-se (ao) silêncio, memória e sentidos. Nessa perspectiva, as análises discursivas funcionam como um elemento ativador do enunciado associado, apontam para a memória contrária, destacando cores, símbolos, palavras e corpos. Vale dizer, corpo e vestimenta revestem o sujeito e falam de sua incompletude.

O deslocamento do público para o privado e vice-versa deve-se à implantação em um lugar de tecnologia audiovisual. E os signos verbais ou linguísticos podem ser substituídos, com vantagem, por algumas imagens ou signos visuais. Os chamados signos 'icônicos' permitem (des)linearizar, (des)compactar sentidos. Isso porque a 'iconicidade', numa configuração global, estabelecem uma rede de relações e de filiações de sentidos. A essa rede de relações e de filiações de sentidos estabelecidas pelas imagens Courtine (2009) dá o nome de intericonicidade. Conforme o autor, toda imagem tem um eco e, por isso, estabelece relações interdiscursivas. No *corpus* em questão, o uso da burca coloca sobre o corpo os ecos que se produzem sobre ele. Tais ecos, presos na rede de filiações de sentidos, produzem imaginário do sujeito sobre si e sobre o coletivo; refletem, sem dúvida, o cultural, o social.

Do mesmo modo que um discurso é regularidade da dispersão própria, que é a complexa rede interdiscursiva, uma imagem tem sua dispersão regulada pelo programa de leitura que comporta e que se estende pela intericonicidade. No caso das imagens, ficou bem clara a relação Igreja-Estado-sujeito.

A sacralização do profano

Pêcheux ([1975] 1995) afirma que o dizer de um sujeito inscreve-se, sempre, por identificação, em alguma FD que autoriza certos discursos e impede outros. Ou seja, o sujeito, ao produzir seu discurso, o faz afetado pela ideologia e pelo inconsciente e, por conseguinte, seu dizer inscreve-se, sem que ele perceba, em uma FD determinada, de onde não só ele retira os elementos de saber que se organizam no interior de seu discurso, como

também, e sobretudo, ele se significa ao significar ou ressignificar o seu dizer.

Nesse sentido, trazemos outro texto-imagem (Figura 3), produzido em 2010, para uma campanha do governo espanhol, lançada durante a semana internacional de luta contra a aids, objetivando o incentivo do uso de preservativos. Divulgada em cartazes, vídeos e *outdoors*, a campanha, cujo título é 'Bendita camisinha que tira a aids do mundo', repete uma mesma foto de um sacerdote, segurando primeiro uma hóstia e depois uma camisinha.



Figura. 3. Juventude Socialista da Espanha. Campanha: Bendita camisinha que tira a aids do mundo (INFANTE, 2011).

Nas duas imagens anteriores, apesar de nesta última não haver o uso da burca, são mantidos a cor negra e o olhar fixo no corpo do sagrado.

A forma delicada de segurar a hóstia demonstraria contrição e respeito, todavia católicos comem Deus (corpo de Cristo); as mãos, os olhos e o pensamento demonstram reverência a esse Deus. Entretanto, não se pode esquecer que homens são insondáveis e a própria religião traz em si os tabus e os mistérios que envolvem a complexidade de várias culturas, em tempo-espaço diverso. Por isso, ela conserva o precioso ao mesmo tempo em que carrega temores, proibições. Para Di Nola (1987), o termo 'religião' carrega um conjunto de preconceitos do mundo cultural, europeu, ocidental e cristão e que pressupõe a separação entre fatos religiosos/sagrados e fatos laicos/profanos (ao determinar a reverência ao que é sagrado), ou seja, há "[...] uma estrutura ideológica mítica e ritual organizada e regida por leis autônomas" (DI NOLA (1987, p. 107).

Se estabelecermos relação com as outras imagens, e associarmos oriente/ocidente, deveremos considerar que, no oriente, o uso da burca é entendido como devoção a Deus, o cumprimento de um mandamento inviolável. No caso da aids, o mandamento é a proteção do corpo, um mandamento sagrado, se pensado em relação à proteção da vida.

O sagrado vinculado ao mundano revela, em certas circunstâncias, manifestações profanas. Observe-se, por exemplo, como a forma dedicada de segurar a hóstia, comparada à forma dedicada de segurar a camisinha (conforme Figura 3), gera os profetas (pecadores) prenes de carisma e, à maneira religiosa, constitui um grupo de seguidores (discípulos).

A camisinha aparece no lugar da hóstia e significaria veneração, mas sugere a preservação. No entanto, o lado católico aponta para o corpo de Cristo (hóstia) mergulhado no vinho (sangue), que é sagrado. Paradoxalmente, o lado do Estado aponta para a sexualidade (camisinha) esvaída de sangue (o corpo ferido, machucado), que, desprotegido, é fonte de contaminação. ‘Tomar medida’ e ‘usalo’ implica uma ‘tomada de posição’, só que essa ‘tomada de posição’ questiona os preceitos da religião tecidos nas teias das sociedades onde, para alguns grupos, a sexualidade costuma ser entendida como procriação. A analogia, a dualidade sagrado/profano convoca duas materialidades (fé/pecado, vida/morte), cuja discursividade se mantém pela contradição.

Trabalhar o corpo como materialidade discursiva, pela via da noção de intericonicidade (conforme propõe Courtine, uma rede interdiscursiva), é essencial para compreender a imagem da camisinha – e produzir efeito de unidade, de textualidade.

Estamos de acordo com o trabalho de Milanez (2013), que define a intericonicidade como o lugar de funcionamento discursivo da memória das imagens, que, como nos apresenta, trata-se da existência histórica das imagens tanto em relação a seus traços formais quanto à repetição de seus discursos. Ao discutir a noção de enunciado no interior de práticas discursivas e sua relação com a intericonicidade a partir da tela *As Gêmeas*, de Alberto Guignard, um pintor brasileiro da década de 1940, Milanez (2013) canaliza a discussão no funcionamento da memória, lembrando que à imagem não cabe o mesmo tratamento dado à língua. Entretanto, as imagens também possuem uma estrutura que permite olhar/visualizar linhas (horizontais e verticais) que separam estruturas em seu interior. Segundo o autor, essas linhas

[...] constroem a materialidade da imagem e a inserem em uma determinada ordem do discurso, uma vez que instauram uma posição do olhar marcada e controlada pelos tipos de linhas (MILANEZ, 2013, p. 350).

Aqui vale um comentário. Diz respeito ao modo como Pêcheux (1999) aproxima imagem e discursividade. Não se trata de aparição de cenas convocadas pelo texto, mas considerar que ambas se inscrevem em um

[...] espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

Em relação ao nosso *corpus*, no caso do texto-imagem 3, dois mandamentos se cumprem de modo diferente: o do amor e o da proteção da vida. A camisinha vermelha, cor do sangue - de Cristo, que é o próprio do corpo de Cristo sacrificado, no catolicismo, com muitos deslizamentos. Os sentidos da hóstia, que não deixou de ser endereçada para a própria Igreja; por isso, a apropriação do Estado desses dois símbolos sacros. O Estado se coloca sobre o sagrado e faz produzir efeitos que devem provocar mudanças de atitudes, tanto sobre a cultura oriental quanto sobre a cultura ocidental. Libertar-se da burca não significa precisar libertar-se da religião, ao passo que admitir está autorização do uso da camisinha pela Igreja implica mexer com dogmas do catolicismo. Nesse processo discursivo, no uso do corpo, estão implicados contradição e deslocamentos, pois na opacidade do véu, fica exposto um produtivo processo metafórico: o entrelaçamento do corpo à religião e ao Estado.

Considerações finais

Eis, então, o que leva a pensar sobre o corpo como uma relação subjetiva na sociedade atual. Assim, voltemos ao apresentado inicialmente. Com efeito, as práticas sociais resultam de construções imaginárias. Nenhuma imagem pode ser pensada completamente, se nela, não se integra a possibilidade de desestabilizar o ordinário, que a coloca como ‘efeito de evidência’. A institucionalização dos sentidos produzida por um corpo-imagem tem a ver com o identitário. Os três exemplos que analisamos consistem no modo como sujeitos se desnudam⁶, ao se vestirem diante de si e do outro.

⁶ Entendemos por ‘desnudar’ aquilo que se desprende do sujeito (falhas, faltas, equívocos, subjetividade).

A importância do uso da burca, nos exemplos analisados (mais fortemente no texto-imagem 2), apresenta-se, tanto no individual quanto no social, como uma marca das relações do sujeito com o institucional, com o público, com a normalização; como se a burca, por um lado, expusesse/denunciasse (de)formidades e, por outro, questionasse normas sociais de percepção desse sujeito. Quando dizemos que o corpo é opaco e tem uma memória é porque, enquanto materialidade discursiva carrega junto de si efeitos de determinações históricas, sociais e ideológicas.

Afirmamos que, no *corpus* em questão, o uso da burca (texto-imagem 2) e da camisinha (texto-imagem 3) coloca sobre o corpo os ecos que se produzem sobre ele. Assim, entendemos que a imagem, tanto em Davallon (1999), que a pensa como ‘operador de memória’, quanto em Courtine (2009), que propõe, no conceito de intericonicidade, que se considere uma rede de relações interdiscursivas, é próxima do já pensado por Pêcheux nas noções de interdiscurso e de memória, ou seja, o efeito da repetição e de reconhecimento se fixa como ponto de interpretação pelo funcionamento da memória: “[...] uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase” (PÊCHEUX, 1999, p. 53). E o deslizar de um sentido para outro é resultante do funcionamento do ideológico no trabalho de leitura. O alerta feito por Orlandi (2012, p. 63) é de que “[...] a imagem, como qualquer materialidade significativa, também não é transparente. É materialidade. Tem seu modo de funcionamento. Interpreta-se”. O corpo como materialidade discursiva, produz sentidos, é interpretável, tendo em vista que

[...] história nunca é a mesma e se suas descrições se ordenam, necessariamente, pela maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo, as transformações (revolução) são simultâneas tanto no plano das ideias quanto no das práticas (SCHONS; MITTMANN, 2009, p. 301).

E acrescentamos: o que *corpus* analisado nos convida a perceber a poeira que paira sobre os corpos. Essa poeira é diariamente depositada pelas vestes de práticas político-discursivas, a nosso ver, processos de significação “[...] em que o corpo se esvazia e se derrama, se dissipa para fora de si mesmo” (COURTINE; HAROCHE, 2001, p. XXI).

Referências

AFP. **Feministas cobrem a estátua da República com véu islâmico em protesto em Paris**. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/>

0,,MUL1518556-5602,00-feministas+cobrem+estatu+da+republica+com+veu+islamico+em+protesto+em+pari.html>. Acesso em: out. 2011.

COURTINE, J.-J.; HAROCHE, C. Os paradoxos do silêncio (Apresentação). In: DINOUART, J. A. T. (Ed.). **A arte de calar**. Tradução de L. F. Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. v- xxxv.

COURTINE, J.-J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003, p. 21-34.

COURTINE, J.-J. **Intericonicidade**. Entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Entrevistador: Nilton Milanez. Grudiocorpo. Out., 2005. Disponível em: <<http://grudiocorpo.blogspot.com/2009/06/intericonicidade-entrevista-com-jean.html>>. Acesso em: 5 set. 2009.

DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, P; DAVALLON, J.; DURAND, J.; ORLANDI, E. (Org.). **O papel da memória**. Trad. e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 23-32.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DI NOLA, A. Sagrado/Profano. In: **Enciclopédia Einaudi**. (Mythos/Logos – Sagrado/Profano). Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1987. Vol. 12, p. 105-160.

FERREIRA, M. C. L. O corpo enquanto objeto discursivo. In: PETRI, V.; DIAS, C. (Org.). **Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Ed: da UFSM, 2013. p. 99-107.

FOUCAULT, M. O nascimento da medicina social. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. p. 79-98.

GADET, F.; PÊCHEUX, M. A irrupção do equívoco no real. In: GADET, F.; PÊCHEUX, M. (Ed.). **A língua inatingível – o discurso na história da linguística**. Trad. de Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004. p. 63-66.

GRANTHAM, M. R.; CASEIRA, I. G. **Análise do Discurso e Ensino: um olhar discursivo sobre a língua, a leitura e a interpretação**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

INFANTE, A. **Campanha espanhola cria polêmica ao relacionar camisinha à hóstia**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/12/101203_aids_espanha_ai_rc.shtml>. Acesso em: 10 out., 2011.

MICHAEL JACKSON se converte à religião muçulmana e muda de nome. Disponível em: <<http://ego.globo.com/Gente/Noticias/0,,MUL870442-9798,00-Michael+Jackson+se+converte+a+religio+muçulmana+e+muda+de+no+ME.html>>. Acesso em: out. 2011.

MILANEZ, M. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 35, n. 4, p. 345-355, 2013.

MITTMANN, S.; SCHONS, C. R. Da luta ao ciberespaço, retrato feminino em movimento. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 25., 2010, Belo Horizonte. **Resumo...** Belo Horizonte, 2010. Disponível em:

<<http://www.anpoll.org.br/eventos/enanpoll2010>>. Acesso em: 25 maio, 2013.

ORLANDI, E. P. **Discurso em análise** – sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. de Eni Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni Orlandi et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J.; ORLANDI, E. (Org.). **O papel da memória**. Trad. e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

SCHONS, C. R; MITTMANN, S. A contradição e (re)produção/transformação na e pela ideologia.

In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (Org.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 295-304.

SOUZA, T. C. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Ciberlegenda**, n. 6, p. 1-34, 1998.

Received on February 24, 2014.

Accepted on April 6, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.